

Grupalidade e família na clínica fonoaudiológica: deixando emergir a subjetividade

Regina Zanella Penteado*

Ivone Panhoca**

Denise Siqueira***

Fernanda Fiore Romano****

Patrícia Lopes*****

Resumo

O objetivo deste artigo é focalizar as questões de família e de grupalidade no acompanhamento de um sujeito gêmeo com alteração de linguagem, com destaque para as implicações da ação fonoaudiológica na constituição da subjetividade. Foi realizada a análise retrospectiva do processo de acompanhamento fonoaudiológico de um sujeito, orientada pela perspectiva histórico-cultural da linguagem. Os dados envolvem aspectos do histórico e da avaliação do sujeito, do seu processo terapêutico grupal e da participação da mãe no grupo com familiares. A análise permitiu identificar diversas questões de família e grupalidade, que passaram a ser significadas e traduzidas, no contexto terapêutico, como necessidades do sujeito, assumindo status constitutivo dos objetivos e da ação fonoaudiológica, a qual leva em conta a constituição da subjetividade numa possibilidade de re-significação e de re-constituição da ação fonoaudiológica que repercute sobre o sujeito social e sua saúde, de maneira ampla.

Palavras-chave: linguagem; gêmeos; grupos; subjetividade; família.

Abstract

This article aims to focus the questions of family and group activities as means to accompany a twin subject with language alteration, with prominence to the applications of the phonoaudiological action in the constitution of subjectivity. A retrospective analysis of the process of phonoaudiologic attendance of a subject has been made, oriented by the historical-social perspective of language. The data involve aspects of both the history and the evaluation of the subject, of his therapeutic process in a group and the participation of his mother in the group, along with family members. The analysis made it possible to identify several questions in the family and in group activities that could be identified and translated, in the therapeutic context, while some necessities of the subject got the constitutive status of the goals and

*Fonoaudióloga, professora da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep). Doutora em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo FSP/USP. ** Fonoaudióloga e professora da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep) e da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Doutora em Ciências pelo Instituto de Estudo de Linguagem da Unicamp. Pós-doutoramento I: "Program in Communication Disorders", University of Houston/TX- EUA. Pós-doutoramento II: "Education Department", Washington University in St Louis/ MO-EUA (1º Semestre de 2000). Pós-doutoramento III: "Facultad de Ciencias Sociales", Universidad de Salamanca, España (2º semestre de 2000). ***Fonoaudióloga pela Universidade Metodista de Piracicaba – Unimep. ****Fonoaudióloga pela Universidade Metodista de Piracicaba/Unimep. *****Fonoaudióloga pela Universidade Metodista de Piracicaba/Unimep.

the phonoaudiological action which considers the constitution of subjectivity as a possibility of re-meaning and re-constituting the phonoaudiological action which rebounds over the social subject and his health, in an amplified manner.

Key-words: language; twins; groups; subjectivity; family.

Resumen

El objetivo de este artículo es focalizar las cuestiones de familia y de grupalidad en el seguimiento de un sujeto gemelo con disfunción de lenguaje, con destaque para las implicaciones de la acción fonoaudiológica en la constitución de la subjetividad. Fue realizada la análisis retrospectiva del proceso de seguimiento fonoaudiológico de un sujeto, orientado por la perspectiva histórico-cultural del lenguaje. Los datos incluyen aspectos del histórico y de la evaluación del sujeto de su proceso terapéutico grupal y de la participación de la madre en el grupo con familiares. La análisis hizo posible identificar las diversas cuestiones sobre familia, y grupalidad las cuales pasaran a ser significadas y traducidas, en el contexto terapéutico, como necesidades del sujeto pasando a ser considerados como constitutivas de los objetivos y de la acción fonoaudiológica que tiene en cuenta la constitución de la subjetividad en una posibilidad de re-significación de la acción fonoaudiológica que repercute sobre el sujeto social y su salud, de manera amplia.

Palabras clave: Lenguaje; gemelaridad; grupos; subjetividad; familia.

Introdução

Estudos recentes apontam a ocorrência de alterações de linguagem em sujeitos gêmeos, que se constituem em demanda para a ação fonoaudiológica (Beffi-Lopes et alii, 2001; Barbetta, 2003; Barbetta e Panhoca, 2003).

Na prática clínica fonoaudiológica observa-se, nos últimos anos, que as propostas grupais vêm sendo re-significadas na Fonoaudiologia, e que os grupos terapêuticos começam a ser melhor investigados e valorizados em seus potenciais, especialmente em alguns estudos que envolvem sujeitos gêmeos e que se voltam às relações entre as questões da gemelaridade e do desenvolvimento da linguagem (Barbetta, 2003; Barbetta e Panhoca, 2003; Barbetta, 2004).

Fundamentados numa perspectiva histórico-cultural da linguagem, alguns autores sugerem uma nova leitura acerca das propostas de atendimento em grupo e dos processos a elas inerentes, no sentido de identificar alguns potenciais que favoreçam o desenvolvimento integral do sujeito social. Estudos como os de Panhoca e Penteadó (2003) e de Mercucci e Panhoca (2004) aprofundam reflexões acerca de algumas concepções implicadas nos atendimentos fonoaudiológicos e focalizam as contri-

buições dos grupos terapêuticos na construção de processos favoráveis ao desenvolvimento da linguagem e da subjetividade.

As relações entre linguagem e subjetividade se fazem presentes na clínica fonoaudiológica (Tassinari, 2000; Friedman e Cunha, 2001; Penteadó, 2002b; Barbetta, Panhoca e Zanolli, 2004; Freitas, Camargo e Panhoca, 2004), pois os processos de significação, de identificação, de desenvolvimento, de aprendizagem e de constituição do sujeito acontecem nas relações – mediadas pela linguagem – que ele estabelece com as pessoas e com o mundo. Interessante observar que o fato assume maior relevância quando se trata do atendimento de sujeitos gêmeos.

Neste trabalho, entende-se que, nos grupos terapêuticos fonoaudiológicos orientados pelos pressupostos da perspectiva histórico-cultural, os processos de desenvolvimento da linguagem e de constituição da subjetividade ocorrem conjuntamente, de maneira a permitir que os resultados do processo terapêutico acabem por ultrapassar os fins estritamente relacionados com o desenvolvimento da linguagem do sujeito e resultem numa ampliação da ação terapêutica fonoaudiológica, que repercute sobre o sujeito e sua família (Penteadó, 2002a; Barbetta e Panhoca, 2003; Panhoca e Penteadó,

2003). Assim sendo, as condições de vida do sujeito, os aspectos de subjetividade, as relações familiares e as relações sociais que se constituem nos contextos de grupos terapêuticos têm implicações sobre a linguagem, da mesma forma que o desenvolvimento da linguagem, em contextos terapêuticos, possibilita a transformação do sujeito e das suas maneiras de relacionar-se consigo mesmo, com as pessoas e com o mundo em que vive.

Faz-se necessário aprofundar a investigação, a análise e a discussão acerca das possibilidades das propostas grupais fonoaudiológicas na atenção à saúde integral de sujeitos gêmeos com queixas de alteração de linguagem. Isso implica levar em conta, na prática clínica fonoaudiológica, as questões de subjetividade, gemelaridade, família e grupalidade e suas inter-relações.

O objetivo deste artigo, então, é focalizar as questões de família e de grupalidade no acompanhamento de um sujeito gêmeo com alteração de linguagem, com destaque para as implicações da ação fonoaudiológica na constituição da subjetividade daquele indivíduo.

Metodologia

Faz-se aqui uma análise retrospectiva de parte do processo de acompanhamento fonoaudiológico do sujeito Paulo (nome fictício), 13 anos de idade, sexo masculino, com queixa de alteração de linguagem oral, de leitura e de escrita.

O acompanhamento do sujeito realizou-se, semanalmente, no contexto da disciplina Estágio em Fonoaudiologia Clínica III, numa Clínica-Escola de um Curso de Fonoaudiologia, no segundo semestre de 2002. Os atendimentos foram realizados por uma estagiária, sob supervisão docente, e se deram, preferencialmente, em grupo, pois o grupo é uma importante ferramenta para novas aquisições lingüístico-sociais, por constituir um espaço de trocas de conhecimentos em que os participantes se reconhecem como sujeitos e vivenciam histórias, experiências culturais e personalidades diferentes, o que contribui para o enriquecimento do processo terapêutico (Roncato e Surreaux, 2002; Panhoca e Penteadó, 2003; Freitas et alii, 2004).

A Clínica-Escola de Fonoaudiologia, paralelamente aos atendimentos grupais aos sujeitos com queixas fonoaudiológicas, dá acesso a um grupo de familiares, envolvendo os parentes e responsáveis pelas crianças atendidas. Duas estagiárias de

fonoaudiologia se responsabilizam pelo atendimento do grupo de familiares, enquanto as demais respondem, cada uma, por um grupo de crianças com alterações de fala, de sistema estomatognático e de leitura e escrita.

Paulo foi atendido em um grupo composto por dois sujeitos que tinham em comum o fato de terem irmãos gêmeos. O grupo teve como critérios de formação a faixa etária e as necessidades fonoaudiológicas relacionadas ao desenvolvimento da linguagem oral e escrita.

A mãe de Paulo participou do grupo de familiares, coordenado por uma dupla de estagiárias de Fonoaudiologia e composto, em sua maioria, por mães e alguns pais e, eventualmente, por um irmão, tio/tia ou avô/avó.

O grupo de familiares teve por objetivos oferecer um espaço para o acompanhamento do processo terapêutico das crianças em atendimento, constituindo uma rede de suporte social que favorece o diálogo, a reflexão e a discussão acerca das necessidades daquelas crianças e dos fatores determinantes e intervenientes nas alterações fonoaudiológicas por elas apresentadas. Ao mesmo tempo, apreciaram-se as possibilidades de participação e de contribuição da família, no cotidiano de suas vidas, para o enriquecimento da qualidade do trabalho fonoaudiológico e potencialização dos resultados.

Os temas abordados no grupo de familiares partiram dos interesses e das necessidades dos participantes, tais como: as formas de lidar com os filhos diante das dificuldades de comunicação e de linguagem por eles apresentadas; as funções orais e os exercícios de motricidade orofacial realizados em terapia e em casa; a consistência alimentar e a qualidade nutricional dos alimentos ingeridos pelos sujeitos; o papel do brincar e do lúdico para o desenvolvimento da linguagem e relação sujeito-família, com resgate das experiências lúdicas de infância dos membros do grupo de familiares; questões de sexualidade e de hiperatividade. O grupo constituiu um ambiente acolhedor para as dúvidas, os questionamentos e as experiências trazidas pelos participantes e os temas foram recebidos e abordados com seriedade e interesse.

Os dados utilizados na análise deste trabalho foram obtidos por observação, registros e anotações pessoais das autoras, e no relatório referente ao período de atendimento ocorrido durante o segundo semestre de 2002, quando as autoras (na

condição de docente-supervisora do estágio e de terapeutas-estagiárias) estiveram direta e indiretamente envolvidas com o processo de acompanhamento do sujeito e constituíram parceiros e atores sociais no processo terapêutico que se instaurou. Os dados referem-se a uma síntese dos aspectos do histórico, da avaliação e do processo terapêutico do sujeito no grupo fonoaudiológico e do acompanhamento da mãe, no grupo de familiares.

A análise e a discussão, orientadas pela perspectiva histórico-cultural da linguagem, buscam refletir sobre as questões de grupalidade e de família que se relacionam com o desenvolvimento da linguagem e com a constituição da subjetividade.

Dados obtidos

Do processo terapêutico do sujeito

A partir da *anamnese*, realizada com a mãe, soube-se que Paulo é fruto de uma gestação gemelar, cujo parto se deu com oito meses e três semanas de gestação, fazendo com que os gêmeos permanecessem onze dias na incubadora e mais um mês e meio internados no hospital.

Com um ano de idade, Paulo foi submetido a uma cirurgia de hérnia e só começou a andar e a falar a partir dos dois anos. Por apresentar convulsões, realizou exame neurológico com resultado inconclusivo, tomando o medicamento Gardenal entre os cinco e os sete anos. A criança apresentava trocas na fala e dificuldades motoras e, por isso, submeteu-se a terapias particulares com fonoaudióloga e terapeuta ocupacional entre os seis e os nove anos. Procurou a Clínica-Escola de Fonoaudiologia aos 10 anos.

O pai de Paulo é funileiro numa oficina de carros, e a mãe é ajudante geral numa escola estadual. A família não costuma realizar passeios ou visitas sociais, nem frequenta igrejas ou comunidades. Nos horários em que não estão na escola, Paulo e seu irmão passam a maior parte do tempo em casa, em companhia da mãe.

No tocante à relação gemelar, o sujeito é muito apegado ao irmão gêmeo, uma vinculação muito forte e partilhada com ele em quase todas as experiências cotidianas. Em casa, os gêmeos dividem o mesmo quarto e brincam juntos, utilizando computador para fazer pesquisas em *sites* sobre carros; gostam de ler revistas sobre carros e conversam entre si; entretanto, não partilham com os

pais o teor dessas conversas. A única situação cotidiana em que os gêmeos estão separados é quando acompanham o pai no seu trabalho, pois a família organizou uma agenda em que os gêmeos se alternam nos dias em que visitam a oficina de carros onde o pai trabalha. Quando Paulo vai à oficina, fica “olhando” o pai trabalhar, sem que lhe seja atribuída qualquer função ou responsabilidade ali.

Paulo não realiza atividades físicas e não gosta de nada que requeira esse tipo de atividade. Houve uma investida familiar para motivar os gêmeos a acompanharem o pai na prática do futebol; entretanto, os dois não se interessaram, e isso causou sentimentos de frustração no pai, que esperava despertar nos filhos o gosto por esse esporte. Na escola, o sujeito não participa das aulas de Educação Física e, para a mãe, esse fato é positivo, uma vez que ela se mostra preocupada com a pele alva dos filhos e evita que os gêmeos tomem sol, pois, como eles são “tão branquinhos”, ela teme que possam “ficar vermelhos” ou até mesmo sofrer “alguma reação alérgica” se ficarem expostos ao sol.

Quanto à escolaridade, Paulo frequenta a 6ª série de uma escola estadual – a mesma em que sua mãe trabalha – e estuda na mesma classe do seu irmão gêmeo. Há queixas da professora de que Paulo, muitas vezes, não realiza as tarefas escolares e fica parado em classe, olhando os colegas trabalharem. Os gêmeos não se relacionam com as outras crianças na escola; no intervalo das aulas, ficam no pátio na companhia da mãe ou ficam juntos, conversando entre si. Quando indagada sobre suas impressões sobre o fato de os filhos não interagirem com os colegas e buscarem sua companhia no intervalo, a mãe demonstra não se incomodar com esse fato.

O discurso da mãe reafirma, a todo o momento, as similitudes dos filhos gêmeos, destacando somente os aspectos em que eles se mostram “iguais”; segundo ela, os gêmeos têm os mesmos gostos e interesses. Ela não se mostra capaz de identificar características individuais que os diferenciem quanto às necessidades ou à maneira particular de cada um.

A mãe aparenta ser uma pessoa confiante e segura, que toma iniciativas e assume responsabilidades na dinâmica familiar, fazendo tudo pelos filhos. A relação mãe-filhos é sugestiva de proteção excessiva: a preocupação em relação aos filhos não tomarem sol; o fato de a mãe preferir ou não se incomodar que os filhos permaneçam ao

seu lado durante o intervalo das aulas, em vez de brincarem naturalmente com os colegas da escola; o fato de ela escolher, diariamente, as peças de roupa que os gêmeos vão vestir (vestem-se de modo igual) e de deixá-las dispostas sobre a cama para que as vistam ao saírem do banho, são alguns dados que podem ser destacados.

A *avaliação fonoaudiológica* indicou que Paulo apresentava restrição de exploração dos recursos expressivos e parâmetros vocais: *loudness* (sensação de intensidade) vocal reduzida, modulação restrita, fala subarticulada e, por vezes, articulação travada e imprecisa foram alguns dos aspectos notados que ajudaram a compor o quadro de dificuldades expressivas desse sujeito. Ele enfrentava crises de bronquite e rinite freqüentes e estava sempre com secreções nasais e não sabia assoar o nariz. Possuía face típica de respirador oral e fazia uso de óculos e de aparelho ortodôntico móvel, devido a alterações oclusais. Esse quadro de alterações pode estar relacionado à restrição dos recursos expressivos e parâmetros vocais; mas tais dificuldades também poderiam ser interpretadas como indicativos de falta de preocupação em relação à qualidade da interação dialógica com seus interlocutores, uma vez que a intensidade vocal fraca, a fala subarticulada e modulação restrita muitas vezes deixavam segmentos de sua fala ininteligíveis, exigindo do interlocutor atenção e esforço extra para tentar compreender o que Paulo dizia.

Também apresentava alterações de linguagem oral, com comprometimento dos níveis pragmático-discursivo e fonético/fonológico. Em relação ao pragmático-discursivo, a alteração evidenciava-se nas dificuldades para a relação discursiva: falta de iniciativas de diálogo; não emitia opiniões quando questionado sobre algo e respondia às tentativas de diálogo com silêncios e respostas evasivas e estereotipadas tais como “não sei” e “esqueci”, comprometendo, assim, a interação dialógica e o fluxo discursivo no contexto do grupo terapêutico. Do ponto de vista fonético/fonológico, o sujeito apresentava trocas /f/ por /s/ e /v/ por /z/ exemplo: “seijão” para feijão e “zaca” para vaca.

Apresentava alterações de linguagem escrita, que reproduziam, no papel, as trocas realizadas na oralidade; não mostrava interesse pela leitura nem realizava a produção espontânea de textos.

Do *acompanhamento terapêutico*, realizado em grupo, apreendeu-se que, enquanto aguardava a chamada para o atendimento, Paulo sentava-se

sempre no canto da sala de espera da Clínica-Escola de Fonoaudiologia, ao lado da mãe e de seu irmão, distanciando-se dos demais sujeitos e familiares que, como eles, ali aguardavam o horário de seu atendimento. Observou-se que mãe e filhos agiam em conjunto – os gêmeos reproduziam todos os movimentos de levantar e/ou sentar da mãe e, até mesmo no momento em que a estagiária chamava o sujeito para dirigir-se à sala de atendimento, mãe e irmão levantavam-se e o acompanhavam até a porta do corredor de acesso às salas de terapia.

O sujeito vestia-se com roupas iguais às do seu irmão; e transpareciam falta de cuidado e indiferença com sua aparência física e a higiene corporal. Apresentava-se na clínica com os cabelos despenteados e, por sofrer de rinite freqüente, estava sempre com secreções nasais que chegam a escorrer sobre os lábios e na face e até mesmo a pingar sobre a mesa ou papel, sem que ele notasse nem tentasse inspirar, assoar ou limpar. Durante as sessões fonoaudiológicas, o fato chegava a causar constrangimentos para o companheiro de grupo e para a terapeuta, que precisavam lembrá-lo de limpar o nariz. Paulo mantinha-se indiferente aos constrangimentos causados à terapeuta e ao seu colega.

Paulo apresentava-se com os óculos apoiados apenas na ponta do nariz, quase caindo, fazendo com que ele precisasse elevar a cabeça, deslocando-a para trás a fim de olhar para a terapeuta quando esta lhe falava. Certa ocasião, na sala de espera, presenciou-se uma situação em que a mãe, notando que os óculos dele estavam escorregando, estendeu o braço e arrumou-os, ela própria, empurrando-o pela alça e fazendo-o deslizar de volta ao lugar certo, sem qualquer comentário. Paulo, por sua vez, não demonstrou incômodo algum quanto à postura dos óculos e sequer demonstrou estranhamento ou qualquer reação perante a ação da mãe: não se assustou, não reclamou e não ajudou a mãe a ajeitar seus óculos sobre o próprio nariz. Esse episódio chamou a atenção da estagiária, pela possibilidade de indicar falta de iniciativa, de interesse e de cuidado do sujeito consigo mesmo e com as coisas que lhe diziam respeito, além de sugerir uma relação de dependência em relação aos atos da mãe.

Durante as primeiras sessões do grupo, Paulo mostrou-se resistente às propostas de atividades realizadas pela estagiária e pelo colega de grupo, algumas vezes fingindo não ouvir os convites/proposições e, outras, negando-se a participar e

respondendo apenas com movimentos de negação de balanceio da cabeça. Outras vezes, além de não apresentar iniciativa de diálogo e/ou ação, mostrava-se alheio e indiferente ao que se passava, e respondia com balanceio de ombros quando solicitado, ou negava-se a participar, alegando ter esquecido ou não saber fazer o que fora combinado/solicitado, sem que ao menos tentasse uma única vez.

Observou-se, entretanto, que o suposto “esquecimento” não estaria relacionado a problemas nas funções mentais superiores, como atenção e memória, mas sim a uma dificuldade de se posicionar na relação interpessoal e discursiva.

O silêncio, a apatia, o gesto no lugar da fala, o “não saber” e o “esquecimento” eram os posicionamentos assumidos por Paulo, que se mantinha afastado das práticas discursivas, da interação dialógica e do envolvimento com o outro. Esses silenciamentos exprimiam as dificuldades e impedimentos sofridos por ele, tanto em relação à linguagem quanto à expressão de sua subjetividade – silenciada, negada. Assim, não somente a linguagem é apagada, deixada de lado ou excluída; apaga-se a sua própria subjetividade, apaga-se o Paulo, na condição de sujeito social. Nesse sentido, podemos dizer que os processos de silenciamento são significativos e constitutivos da subjetividade (Surreaux, 1999).

No grupo, Paulo assumia sempre a postura passiva de esperar que alguém fizesse e/ou falasse algo por ele – possivelmente na expectativa de que a estagiária e seu colega de grupo fossem reproduzir, no contexto do grupo terapêutico, as posturas e atitudes tomadas pela sua mãe nos contextos cotidianos. Na medida em que isso não ocorria, mas, pelo contrário, lhe eram cobradas atitudes ativas no contexto grupal, o sujeito mostrou-se resistente a assumir uma nova postura e manteve-se num posicionamento de passividade e indiferença. Tal atitude, inicialmente, dificultou a interação com o colega que, embora mais extrovertido, acabava deixando-se abater e se desmotivar pela apatia, indiferença e silêncio de Paulo, chegando, por vezes, a ficar impaciente e a reagir de maneira a responder e a fazer as coisas que caberiam a Paulo realizar.

No processo terapêutico grupal fonoaudiológico, importa não somente a atividade proposta, o que é feito, mas também a maneira como algo é feito e os objetivos que orientam as propostas e posturas assumidas pela terapeuta e pelos sujeitos.

Nesse grupo, a estagiária empenhou-se em criar condições para o resgate e a descoberta de interesses pessoais dos sujeitos em função do desenvolvimento de interações favoráveis ao diálogo no grupo. Assim, visando também explorar a funcionalidade da leitura e da escrita, foram propostas pesquisas em revistas ou jornais, de temas e assuntos de interesse dos sujeitos, para serem partilhados e comentados no grupo.

Observou-se que, na maioria das vezes em que Paulo era solicitado para trazer determinado material para o grupo, era a mãe dele quem lembrava, separava e trazia o material, entregando-o à terapeuta. Tal movimento familiar mostrava-se contrário àquele em desenvolvimento no contexto terapêutico: enquanto, no grupo, o sujeito era levado a tentar assumir responsabilidades, posicionamentos, a agir e tomar iniciativas, na família esse lugar era ocupado pela mãe que, poupando o filho, mantinha-o na condição passiva. Esses aspectos foram posteriormente abordados no grupo de familiares.

Na semana em que os sujeitos trariam o resultado de suas pesquisas, Paulo esquecera-se do combinado, demonstrando desinteresse e indiferença quando cobrado, e verbalizando sua crença de que seu colega levaria o material solicitado. Nesse contexto, a terapeuta abordou questões relativas às responsabilidades individuais e à necessidade de se buscar descobrir/conhecer os interesses pessoais de cada um, especialmente naquilo que representa e possa identificar as especificidades e as diferenças entre os sujeitos – em outras palavras, naquilo que evidencia o jogo de subjetividades no contexto grupal. Aqui, vale destacar que um grupo terapêutico só se torna enriquecedor para o sujeito na medida em que possibilita alargar o conhecimento acerca de si próprio e oferece oportunidades de deparar-se com as diferenças trazidas por cada sujeito e de com elas/eles aprender e transformar-se. Principalmente no caso de Paulo, que mostra grandes dificuldades em se distinguir como sujeito na relação mãe/filho e na relação gemelar.

A terapeuta insistiu, então, renovando a oportunidade para que Paulo realizasse sua pesquisa e que a trouxesse para o grupo na sessão da próxima semana e assim foi que o sujeito trouxe uma revista sobre carros e seu colega um jornal sobre futebol. Os materiais foram, então, aproveitados, procurando destacar a importância da responsabilidade, do compromisso e da participação solidária de cada um junto ao grupo. Também foram realizadas

leituras em que ao ouvinte cabia observar atentamente a fala do colega e ajudá-lo, sempre que ocorressem trocas durante a leitura ou que enfrentasse dificuldades. Nos textos, também foi realizada pesquisa de palavras com fonemas específicos relacionados às trocas apresentadas pelos sujeitos, buscando-se valorizar a capacidade de produção fonético-fonológica de cada um e enfatizando-se os modos e pontos articulatórios. Nesses contextos, evidenciou-se que Paulo possuía condições articulatórias de produção dos fonemas /f/ e /v/, ainda que não o fizesse na fala espontânea. Nas diversas vezes em que fora atribuída a Paulo a responsabilidade de ajudar seu colega a identificar e solucionar as dificuldades enfrentadas durante a leitura, ele localizou o problema. No entanto, em vez de se reportar oralmente ao seu colega e ajudá-lo, apenas olhava para a terapeuta e gesticulava apontando o dedo indicador para o colega, pondo a terapeuta no papel de intérprete do seu gesto e de mediadora da relação dele com o outro, ao mesmo tempo em que se esquivava de estabelecer uma interação/relação comunicativa direta com o colega. A terapeuta, entendendo que o fato de assumir e manter tal posicionamento poderia concorrer negativamente para o avanço e amadurecimento das vinculações e das relações grupais, começou a mediar a relação grupal na perspectiva de “devolver” a Paulo seu lugar de locutor na relação dialógica, solicitando que, ele próprio, valendo-se da mediação da linguagem, se voltasse ao colega de grupo e falasse diretamente com ele. Agindo dessa maneira, houve um favorecimento da construção de relações entre os sujeitos do grupo e um aumento do potencial terapêutico grupal.

Um outro componente do processo terapêutico grupal que contribuiu nesse sentido foi a proposta de construção de uma pasta na qual os dois escreviam uma síntese daquilo que havia sido feito durante a sessão, registravam os compromissos firmados para a próxima sessão e planejavam o que seria realizado na sessão seguinte. (O planejamento dizia respeito a sugestões de assuntos, materiais e jogos que gostariam de discutir, de trazer ou de realizar, enfim, levantamento dos interesses de cada um, na busca da construção de um processo terapêutico no qual terapeuta e pacientes se fizessem sujeitos e atores sociais.) Além de propiciar usos da leitura e da escrita diferentes daqueles empregados na escola, a prática desses registros também se mostrou favorável para o estreitamento da inte-

ração grupal, já que dúvidas e comentários a respeito do que era lido ou escrito começaram a ser dirigidos, primeiramente aos sujeitos e depois à terapeuta. Começaram, então, a perguntar coisas um ao outro, bem como a fazer certas brincadeiras e “gozações” tornando a relação grupal mais leve e descontraída.

Buscou-se promover a singularidade, a individualização e a valorização da auto-estima pessoal e das capacidades individuais dos sujeitos de diversas maneiras. Uma das ações que favoreceram esses aspectos foi o desenho dos familiares com foco nas características físicas e de vestuário, e a pesquisa de gostos e preferências de cada um, relacionados à alimentação, ao lazer, à cultura, entre outros. Posteriormente, os desenhos das figuras humanas representativas dos familiares foram utilizados na confecção de um jogo, no qual os familiares seriam os personagens. Outra proposta nesse sentido foi a elaboração de um jogo de “trilha”. Nesses contextos, procurou-se valorizar as características pessoais e as contribuições trazidas por eles; o planejamento da ação individual e coletiva; o confronto e a partilha de idéias, opiniões e decisões, além de experimentar a capacidade de se empenharem na produção de uma fala de qualidade que favorecesse a compreensão do interlocutor, melhorando o processo interativo/comunicativo no contexto grupal.

Observou-se que, no decorrer do semestre, Paulo começou a ficar mais atento e interessado em relação às atividades realizadas e aos contextos interativos/comunicativos grupais. Começou a se posicionar no diálogo e a apresentar iniciativas nas conversas, falas, diminuindo a frequência dos silenciamentos e do uso das expressões “não sei” e “esqueci”.

Tendo em vista a necessidade de desenvolvimento da força para soprar e assoar o nariz, os aspectos de motricidade orofacial foram explorados por meio de um jogo confeccionado pelos participantes do grupo, feito com sucata de caixas de ovos. O jogo envolvia competição entre os sujeitos e requeria controle de força e pressão do sopro em canudo para provocar o movimento em uma bolinha de isopor, conduzindo-a, pela ação provocada pelo fluxo aéreo do sopro, pelos buracos da caixa de ovos até que a bolinha chegasse ao último buraco.

Paulo enfrentou grandes dificuldades no início, mas depois conseguiu adequar a força do seu sopro e ganhar a competição. O controle do sopro

e da sua força relaciona-se à percepção do próprio corpo e da exploração consciente e do desenvolvimento da capacidade de controle de suas funções. A competitividade provoca a distinção dos sujeitos e o conhecimento das habilidades individuais. Entende-se que esses aspectos são favoráveis ao processo de constituição da subjetividade de Paulo.

Houve superação das dificuldades de leitura e escrita. Paulo começou a ler textos com maior empenho e atenção, a realizar autocorreção em suas produções escritas e a usar da linguagem oral para pedir ajuda e apoio do grupo quando tinha dúvidas sobre ortografia, por exemplo. Em síntese, o fato de ele ser gêmeo o colocava numa situação de ser, na maioria das vezes, referido/tratado em conjunto com o irmão (pela família, pelos amigos, pelos professores). E isso acabou requerendo, do fonoaudiólogo, maior atenção no sentido de assumir, via processo terapêutico – via mediação da linguagem –, um papel de agente “gerador” de oportunidades e de possibilidades de diferenciação para esse sujeito; um facilitador do desenvolvimento de identidades – individualidades.

Da participação da mãe no grupo de familiares

Em geral, os familiares que participaram do grupo puderam, mais diretamente, colaborar com o processo terapêutico fonoaudiológico, conhecer e compreender os motivos pelos quais seus filhos se encontravam em atendimento fonoaudiológico, esclarecer dúvidas acerca das questões e alterações fonoaudiológicas por eles apresentadas, bem como as razões pelas quais, algumas vezes, fazia-se necessário o encaminhamento para outras especialidades, tais como a otorrinolaringologia, a odontologia ou a fisioterapia.

Houve integração entre o que se passava nos encontros dos familiares e a vida cotidiana daqueles sujeitos e suas famílias, com mudanças significativas que repercutiam positivamente sobre os sujeitos e o processo terapêutico em andamento. Muitas vezes, os temas e as discussões abordados no grupo de familiares eram estendidos para o ambiente doméstico e levados espontaneamente para outras relações sociais da vida dos sujeitos envolvidos; isso pôde ser observado na medida em que os familiares relatavam que conversavam sobre os temas discutidos no grupo com seus parentes, vizinhos e amigos, transpondo as reflexões fonoaudio-

lógicas para “além muros” do contexto clínico-terapêutico e constituindo-se, os próprios familiares, como “agentes multiplicadores” e de integração entre a universidade e a sociedade.

A mãe de Paulo participou do grupo de familiares e se beneficiou com a oportunidade de reflexão e trocas acerca dos diferentes problemas enfrentados pelas demais famílias e as particularidades de cada dinâmica familiar. Sua presença no grupo propiciou discussões sobre as questões envolvidas com a gemelaridade. Ela trazia uma representação dos seus filhos gêmeos como sendo “iguais” em tudo, como se entre eles não houvesse diferenças; e, em decorrência, agia e tratava-os como iguais, apresentando-lhes o mundo de maneira indiferenciada, como se eles tivessem as mesmas necessidades, os mesmos gostos, vontades e preferências.

As discussões grupais possibilitaram à mãe refletir sobre as diferenças existentes entre sujeitos da mesma família, em especial entre irmãos, e tais discussões apresentaram contribuições para que ela começasse a olhar para seus filhos gêmeos, não somente a partir de suas semelhanças, mas também buscando identificar diferenças, particularidades, especificidades e singularidades de cada um. Inicialmente, ela apresentou muitas dificuldades nesse processo, uma vez que só conseguia identificar similitudes nos seus filhos. Apesar disso, as questões e discussões do grupo de familiares favoreceram e apoiaram a mãe na busca de identificar algumas características pessoais dos filhos e na criação de contextos cotidianos favoráveis à constituição/expressão de subjetividades e de individualidades.

Houve, aqui, uma integração de objetivos e conteúdos tratados no grupo terapêutico e no grupo de familiares, o que favoreceu os usos da linguagem em contextos de diferenciação e de valorização das particularidades dos sujeitos, em favor da construção da subjetividade.

Entraram em cena diversas situações cotidianas que se traduziam em possibilidades para o exercício da “individualidade” com certa “independência”, tais como aquelas em que os filhos poderiam ser incentivados a escolher as roupas que iriam vestir; em que lhes fossem apresentadas alternativas para que tivessem a oportunidade de exercer a capacidade de escolha perante duas ou mais opções; em que lhes fosse solicitada e considerada a opinião, especialmente naquilo em que ela pudesse

mostrar-se diversa da opinião do outro. Aos poucos, a mãe foi aprendendo a valer-se das oportunidades cotidianas e a empregar a linguagem em contextos dialógicos no âmbito familiar, contribuindo com o processo de constituição da subjetividade de Paulo.

Análise e discussão

O histórico de Paulo mostra que, desde o seu nascimento, devido aos problemas de saúde que enfrentou (parto pré-termo, várias internações e tratamentos), o sujeito mobilizou a família – em especial a mãe – para a preocupação, proteção e cuidados especiais. A sua rotina de vida foi estruturada de maneira que ele estivesse sempre protegido, resguardado e cuidado, principalmente pela mãe, que lhe garantia a satisfação das suas necessidades básicas, sem dele exigir qualquer empenho. Assim, mantinha o filho poupado de quaisquer fatores ou pessoas que dele pudessem exigir algo ou mesmo representar riscos ou ameaças à sua saúde.

Nesse ciclo de cuidados, observa-se que até mesmo o círculo de relações sociais de Paulo permaneceu restrito e fechado nas relações familiares nucleares, com prejuízos para o seu desenvolvimento como sujeito social. Passava a maior parte do tempo em companhia do irmão gêmeo e da mãe, privado, portanto, de partilhar experiências significativas e de construir relações vinculares com outros sujeitos, em outros contextos sociais que favoreceriam processos sociais, históricos e culturais de identificação e de diferenciação, positivos para a construção da identidade pessoal, formação da subjetividade e desenvolvimento da linguagem.

É preciso destacar, também, que as representações construídas pela mãe acerca dos filhos gêmeos pouco contribuíam para o desenvolvimento de subjetividades no contexto familiar, uma vez que a família é o primeiro espaço no qual o sujeito estrutura sua vida psíquica e se constitui enquanto tal.

A mãe de Paulo expressava, tanto na sua maneira de referir-se aos filhos, quanto no trato com eles na vida cotidiana, a indiferenciação dela própria em relação aos gêmeos e deles entre si. Para Winnicott (1977, p. 158), “a principal complicação na criação de gêmeos é essa questão do tratamento pessoal e assistência a cada um deles, de modo que a totalidade e a unicidade de cada um obtenha pleno reconhecimento”.

Além disso, a mãe representava os gêmeos como marcados por “fragilidade” e “incapacidade”, sendo indiferenciadas, poucas ou nenhuma as expectativas da família sobre os dois: deles não era esperada participação ativa no autocuidado, nas atividades domésticas e/ou que envolvessem a rotina de “trabalho” familiar, nem as de lazer. E as poucas experiências existentes eram frustradas, tal como a do pai em relação à prática do futebol.

Esses aspectos não podem ser subestimados no contexto clínico e despontam como problemáticos para o processo de acompanhamento fonoaudiológico, especialmente quando se trata de atendimento a sujeitos gêmeos, pois, no processo em que as crianças não são diferenciadas – o que é muito frequente em relação a gêmeos –, a constituição da linguagem é prejudicada, pois, conforme Palladino (2000, p. 70) “a linguagem é pura diferença. É o lugar que expõe, inequivocamente, que o sujeito é apenas naquilo que lhe é singular”. O comprometimento do desenvolvimento da linguagem e da subjetividade de Paulo mostra-se relacionado e pode ser notado nos posicionamentos e nas formas de expressão assumidos pelo sujeito no mundo – em que predominam posturas passivas e alheias à dinâmica e aos movimentos da vida; indiferentes, distantes e descomprometidas com o interlocutor e com as relações sociais.

O sujeito, perante a realidade, coloca-se em posição de “espreita”, de “espera” da ação do outro. Dele emana pouca energia, pouca vitalidade; não há ação, não há reação, não há envolvimento, não há “vibração”, não há “sonorização” suficientes. Isso facilita a compreensão de alguns dados da sua avaliação fonoaudiológica, tais como a qualidade vocal com restrição de exploração dos recursos e parâmetros vocais (*loudness* reduzida; modulação restrita; fala subarticulada com segmentos ininteligíveis) e as alterações de linguagem escrita e oral, nos níveis pragmático-discursivo e fonético/fonológico. Sendo a escrita, a fala e a voz as principais formas de o sujeito se expressar e de se colocar no mundo, as alterações mencionadas indicam relações entre as questões de linguagem, de subjetividade e de socialização.

A falta de preocupação com o cuidado/higiene pessoal e com a aparência física também aponta problemas relativos à identidade, auto-imagem e auto-estima pessoal. Essa forma de Paulo se apresentar ao mundo, sempre de maneira descuidada, descomprometida, incompleta, nos aspectos fisi-

cos, vocais, lingüísticos e interacionais, também fala de um empobrecimento do processo de constituição da sua subjetividade (Penteadó, 2002b).

O histórico de vida de Paulo, as suas relações familiares, sociais e o seu cotidiano evidenciam, portanto, condições desfavoráveis para um desenvolvimento saudável da subjetividade, da sociabilidade e da linguagem. Mostram a importância de propostas de ação fonoaudiológica mais abrangentes, que oferecem ao sujeito contextos terapêuticos que contribuem para a sua formação, como sujeito social, e que envolvem a família de maneira a que esta venha a participar ativamente das discussões e reflexões referentes ao processo terapêutico do sujeito. Confirma-se, assim, na Fonoaudiologia, a importância das propostas de grupos terapêuticos fonoaudiológicos, bem como a necessidade das propostas de grupos de familiares.

Numa ação fonoaudiológica em que a linguagem é posta a serviço do sujeito e de sua relação com o mundo, destaca-se a necessidade de se buscar, no grupo terapêutico fonoaudiológico, situações que favoreçam a expressão e a identificação das particularidades de cada sujeito, com valorização da auto-estima pessoal.

Assim, entende-se que concorrem de maneira favorável para o processo de constituição da subjetividade as ações e os diálogos orientados com o objetivo de ressaltar as diferenças, as individualidades e as singularidades entre os sujeitos (Barbetta, 2003; Barbetta e Panhoca, 2003; Barbetta, 2004). É considerada também positiva a exploração de fatos da vida cotidiana que marcam as diferenças de cada um, distinguindo-o dos outros componentes, ao mesmo tempo em que o constitui como membro daquele coletivo. Da mesma maneira, entende-se que concorrem de maneira favorável para o comprometimento do sujeito, seja com o outro ou com a transformação da realidade, as vivências que demandam atribuição de responsabilidades e as disponibilidades/possibilidades que cada um tem de assumir.

A participação da mãe de Paulo no grupo de familiares possibilitou que diversos aspectos abordados na terapia fonoaudiológica desse sujeito pudessem ser, também, trabalhados no seu cotidiano extra-clínica (Penteadó, 2002a). No grupo de familiares, emergiram dúvidas, questionamentos, relatos de experiências, reflexões e discussões que possibilitaram àquela mãe repensar aspectos das representações e relacionamento com os filhos

gêmeos, no sentido de começar a identificar, no dia-a-dia, algumas diferenças, particularidades, especificidades e singularidades de cada um deles.

As percepções da terapeuta acerca do desenvolvimento de Paulo no grupo terapêutico também eram trazidas para reflexão no grupo de familiares, possibilitando à mãe uma reedição das representações acerca do seu filho, bem como das expectativas sobre as capacidades e potencialidades dele em realizar diversas tarefas e em assumir alguns compromissos e responsabilidades (Penteadó, 2002b). Assim, as mudanças começaram a ocorrer no contexto terapêutico e, também, em diversos contextos de vida de Paulo, de maneira integrada e complementar.

Nota-se que, ao final do período analisado neste estudo, o sujeito apresentou mudanças importantes da sua *performance* como sujeito social, com avanços significativos nesse campo: desenvolveu a capacidade de centrar atenção e passou a se interessar e a participar de maneira interativa dos “jogos dialógicos” no grupo terapêutico, e a dirigir a palavra ao seu colega, com perguntas e comentários inseridos no contexto da relação terapêutica, mostrando que passava a valer-se da linguagem para interagir e se expressar.

Isso foi possível na medida em que os dados referentes às questões de subjetividade, gemelaridade, família e grupalidade deixaram de ser considerados como pano-de-fundo ou como “dados complementares” no contexto do processo terapêutico (Penteadó, 2002a e 2002b; Barbetta, 2003; Barbetta e Panhoca, 2003; Panhoca e Penteadó, 2003; Barbetta, 2004), assumindo o lugar que, de fato, têm na história – individual e social – daquele sujeito.

Ao final do período aqui focado, ainda havia muito a ser trabalhado na clínica fonoaudiológica para que Paulo pudesse vir a obter alta, mas já era possível afirmar que o desenvolvimento de linguagem ocorrera paralelamente ao processo de constituição do sujeito e de ampliação das suas possibilidades de socialização.

Considerações finais

A análise retrospectiva do processo terapêutico desse sujeito gêmeo permitiu identificar diversas questões de grupalidade e de família que puderam ser interpretadas como necessidades do sujeito relacionadas ao desenvolvimento da sua linguagem e da subjetividade.

Entende-se que o processo terapêutico fonoaudiológico com sujeitos gêmeos com alteração de linguagem pode ser qualitativamente enriquecido quando os dados referentes às questões de família e de grupalidade deixam de ser considerados apenas como complementares à avaliação e ao processo terapêutico, passando a assumir o *status* constitutivo dos objetivos e da ação fonoaudiológica. Possibilitam, assim, uma re-significação e uma reconstrução da ação fonoaudiológica que repercuta sobre o sujeito social de maneira ampla.

Tassinari MI. Objetividade e subjetividade nos processos terapêuticos fonoaudiológicos. *Distúrb Comun* 2000;12(1):75-90.
Winnicott DW. *A criança e seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar; 1977.

Recebido em março/05; **aprovado em** junho/05.

Endereço para correspondência

Regina Zanella Penteado
Avenida 41, n. 209, ap.62, Cidade Jardim, Rio Claro,
CEP 13501-190

E-mail: rzpenteado@unimep.br

Referências

- Barbetta NL. Desenvolvimento lingüístico de gêmeos: relações comunicativas intra e extra-gemelares no contexto da terapia fonoaudiológica em grupo. *Rev CRFa* 2003;52:25.
- Barbetta NL. Desenvolvimento lingüístico de gêmeos: relações comunicativas intra e extragemelares no contexto da terapia fonoaudiológica em grupo. *Rev Soc Bras Fonoaudiol [CD-ROM]* 2004;Supl esp:dlo115. [Trabalho apresentado no XII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia;Out 6-9; 2004]
- Barbetta NL, Panhoca I. Gêmeos idênticos no grupo terapêutico-fonoaudiológico: a construção da linguagem e da subjetividade. *Pró-Fono* 2003; 15(2):139-48.
- Barbetta NL, Panhoca I, Zanolli ML. O grupo familiar como a raiz da constituição da linguagem e da identidade de gêmeos monozigóticos: ensaios preliminares. *Rev Soc Bras Fonoaudiol* 2004;Supl esp:plo114. [Trabalho apresentado no XII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia;Out 6-9; 2004]
- Befi-Lopes DM, Morselli AA, Araújo K. Intervenção fonoaudiológica em gêmeos com alteração de linguagem relato de caso. *J Bras Fonoaudiol* 2001;2:116-25.
- Freitas AP, Camargo EAA, Panhoca I, Monteiro MIB. O processo de construção da identidade e da subjetividade no grupo terapêutico-fonoaudiológico. *Rev Soc Bras Fonoaudiol* 2004;Supl esp:tr251. [Trabalho apresentado no XII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia;Out 6-9; 2004]
- Friedman S, Cunha MC, organizadoras. *Gagueira e subjetividade*. São Paulo: Artmed; 2001.
- Mercucci VC, Panhoca I. A constituição do sujeito no grupo terapêutico fonoaudiológico – linguagem e identidade. Anais da 2ª Mostra Acadêmica da Universidade Metodista de Piracicaba –Congresso de Iniciação Científica [CD-ROM]. Piracicaba, 2004. Co. 06.
- Palladino RR. A objetividade e a subjetividade na fonoaudiologia. *Distúrb Comun* 2000;12(1):61-73.
- Panhoca I, Penteado RZ. Grupo terapêutico-fonoaudiológico: a construção (conjunta) da linguagem e da subjetividade. *Pró-Fono* 2003;15(3):259-65.
- Penteado RZ. Grupo de mães em fonoaudiologia: a linguagem para a promoção da saúde. *Saúde Rev* 2002(a);7(4):7-24.
- Penteado RZ. Subjetividade e promoção da saúde na clínica fonoaudiológica. *Pró-Fono* 2002(b);4(1):61-72.
- Roncato CC, Chun RYS. O acompanhamento fonoaudiológico em um grupo de adolescentes gagos. *Saúde Rev* 2002;7(4):5-33.
- Surreaux LM. Silêncios constitutivos. *Fonoaudiol Brasil* 1999;2:6-13.